

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 93

21 DE JULHO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Expedição Mineralogica Paiva d'Andrada, LUCIANO CORDEIRO. — José Alberto de Oliveira Anchieta, BRITO REBELLO. — Os Baniães em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO. — As nossas gravuras. — Campanha do Transwaal, AUGUSTO DE CASTILHO. — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Recordação de meus paes, M. AL-

VES DE SOUSA. — Actualdades Scientificas, Caminho de Ferro Electrico, R. — Publicações.

GRAVURAS. — A Expedição Mineralogica Paiva d'Andrada na Zambesia. — Costumes Portuguezes, Camponezas das margens do Mondego atravessando o rio a val. — Africa Portugueza, Moçambique, Habitações dos Baniães. — Russia, Expulsão dos Judeus, Familias Israelitas refugladas no pateo do governador de Kieff — Setubal, vista da Barra. — Caminho de Ferro Electrico em Lichterfeldt. — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Appareceu agora no nosso pequenino mundo litterario, a cortar a aridez escassa de assumptos da vida de Lisboa, n'estes mezes de verão, uma questão grave, melindrosa, em que anda envolvido o nome de um dos mais notaveis escriptores do nosso paiz — o sr. Antonio Ennes.

Trata-se nem mais nem menos do que de uma accusação formal, nitidamente accen-



A EXPEDIÇÃO MINERALOGICA PAIVA D'ANDRADA NA ZAMBEZIA
(Segundo uma photographia enviada de Aden)

tuada, aparentemente comprovada de plagiato practicado por Antonio Ennes no drama o *Luxo*, plagiato acompanhado de todas as aggravantes a concluir pela de imbecilidade.

Ora nós não estranhámos inteiramente nada a accusação. Já a esperavamos, tanto mais que é costume acompanhar ella todos os *successos* theatraes do nosso paiz.

A *Morgadilha de Valfôr* de Pinheiro Chagas tem sido attribuida a todos os auctores francezes, italianos hespanhoes, a toda a gente, em suma, menos a elle. A *Helena*, a *Judia*, o *Drama do Povo*, como tiveram *successo* inferior, por varias rasões, que não veem para aqui discutir, essas são d'elle com certeza; mas já a *Magdalena*, por exemplo, que agradou immenso, não é d'elle, não senhor, é tambem de muitas outras pessoas, e nomeadamente, já se disse até em letra redonda, é traduzida d'uma peça italiana, a qual peça foi escripta e representada dois ou tres annos depois da *Magdalena* se representar em Lisboa.

Uma peça do sr. Rangel de Lima, *Como se enganam mulheres*, que fez epocha no Gymnasio era tambem plagiada. Essa era plagiada do allemão, e até se chegou a dizer que o original ia ser traduzido e posto em scena n'um theatro qualquer. Nunca appareceu, porém. Foi pena.

O *Sapatinho de Setim* de Fernando Caldeira, que teve um grande *successo* representado nas Variedades pela Lucinda, era todo roubado, todo, scena por scena, phrase por phrase. Um sugeito até nos chegou a dizer de que peça era, tinha-a lá em casa — teem um fardo de perdigueiro, estes sujeitos — era dos *Souliers de Bal*.

Concordámos logo, tanto mais que conheciamos perfeitamente a peça d'onde a comedia em tres actos de Fernando fôra plagiada scena por scena, os *Souliers de Bal*, exactamente, uma comedia em que só entram duas mulheres, e que tem apenas um acto!

O *Grande homem* de Teixeira de Queiroz, outro plagiato, esse é do hespanhol.

E nós, na nossa humilde obscuridade tambem nos temos fartado de roubar. O nosso primeiro original, uma comedia em 3 actos, *Debaixo da mascara*, era uma traducção flagrante dos *Petites amoues* que se representou em Paris seis annos depois da nossa se dar no Gymnasio e um drama em cinco actos, a *Giganta Golias*, que perpetrámos em collaboração com Jayme Batalha Reis e Eça Leal, era palavra por palavra, um drama hespanhol de que não me lembra já o titulo.

O que me lembra ainda é a alegria que nós todos tres tivemos no dia em que nos fizeram essa revelação. Ao menos já não eramos só nós tres que tínhamos que acarretar com a responsabilidade d'aquelle tragico drama, havia já uma creatura humana que tinha cahido em prepetrar aquelles cinco actos antes de nós.

Que jubilo infindo!

O proprio sr. Antonio Ennes não é este o primeiro plagiato que faz. O *Saltimbanco*, por exemplo, é um roubo de fio a pavio. Ao principio era roubado ao drama *Paillasse*. Depois, no anno passado, o *Paillasse* foi traduzido e representado na Rua dos Condes, e como se não parecia nada com o *Saltimbanco*, o *Saltimbanco*, passou forçosamente a ser plagiado d'outra peça qualquer.

O que é porem muito original — e isto juramos que não é plagiado de litteratura alguma conhecida — é que ao passo que a critica se esforça em provar que todas as peças originaes são traduzidas, a mesma critica gasta todo o seu latim e toda a sua logica — não é grande despesa — para provar que as peças traduzidas são originaes, como aconteceu ainda ha pouco tempo com o *Asmodeu* e *La Part du Diable*.

Ora está provado que desde o momento em que a accusação de plagiato acompanha sempre todas as peças originaes — as de *successo*, porque, as que caem, essas nem á mão de Deus Padre podem ser traduzidas — quem tem a coragem de escrever para o theatro na nossa terra deve contar com essa accusação muito mais ainda do que com os direitos de

auctor, e recebel-a como os noivos recebem os confeitos que lhes atiram.

Esta accusação passou a ser um elogio; é uma maneira de applaudir como qualquer outra.

Os inglezes quando vão ao theatro e gostam batem com os pés: estes sujeitos quando gostam dizem — *plagiato*; *plagiato*! como outras pessoas dizem *bravo! bravo!* e o author não tem mais que agradecer-lhes.

«Esta peça é roubada!» é na nossa linguagem d'hoje uma locução perfeitamente admittida e que quer dizer — Esta peça é magnifica.

Deus me livre, — e Deus livre os theatros — quando eu fizer uma peça, que todos sejam unanimes em concordar em que ella é minha!

— A accusação feita a Antonio Ennes é porém aparentemente mais grave porque é formulada com toda a nitidez e precisão.

Diz-se a peça onde elle foi procurar o seu assumpto; os personagens d'onde elle copiou os seus personagens, as situações onde elle foi buscar as suas situações, citam-se os nomes dos personagens que na peça franceza correspondem aos da peça portugueza, as scenas que são parecidas, os sentimentos que são identicos, e tudo isto de fórma que, para quem não conhecer o brilhante talento de Antonio Ennes, e a probidade sem macula do seu caracter, quem não conhecer a vida litteraria gloriosa e honrada do escriptor, a vida particular digna, direita, honesta, do homem, e ao mesmo tempo não conheça o *Luxe* de Jules Lecomte, a accusação é gravissima e irrespondivel.

Para que a accusação caia por terra bastam porém duas coisas: conhecer Antonio Ennes, e a sua importante obra theatral, ou lér a peça de Lecomte.

Desejamos, porém, aos nossos leitores a primeira d'estas causas, porque conhecem um excellent rapaz cheio de talento e de probidade e porque no fim de tudo o *Luxe* de Lecomte é uma peça mediocre, que tem scenas deliciosas de comedia, mas que nas scenas dramaticas é frouxa, e banal, o que justifica a queda que ella teve quando ha um bom par d'annos o theatro de D. Maria a representou traduzida por Ernesto Biester.

— Apesar de simplesmente termos tocado ao de leve n'esta questão de plagiatos tão velha nas nossas letras, gastámos com ella grande parte da nossa chronica.

Os assumptos da semana não perderam inteiramente nada com isso, porque n'estes oito dias houve trovoadas, houve chuvas, houve calor, houve tudo menos assumptos. E' verdade, houve tambem reprovações, e isso tem levantado uma grande bulha em Lisboa, porque sem discutirmos se a nova lei de instrucção publica é boa ou má, — uma viagem que nos levaria muito longe e que não se pode fazer sem muita bagagem — o que na practica se está mostrando é que é dura.

Ha uma coisa latina que se devia escrever aqui, e que daria grande valor a esta chronica, mas que eu não escrevo porque tenho pelo latim o mesmo odio que o sr. Gomes Leal tem agora pelo imperador da Russia.

Entretanto, o que eu não posso deixar de achar muito original é que fosse necessario sahír uma duzia de rapazes reprovados, para resaltar da lei toda a recua de defeitos que os olhos vigilantes dos altos encarregados da fabricação e circulação das nossas leis nunca divisaram.

Estando residindo em Lisboa o sr. Van-der-Lan, o sr. Mascaró, e havendo na rua do Ouro a loja do sr. Ribeiro tão bem fornecida, não comprehendemos que desculpa poderão apresentar os nossos legisladores.

— Estão ahi por essas ruas grandes cartazes annunciando o novo poemeto o *Hereje* do sr. Gomes Leal.

Como a *Traição*, e mais ainda que ella, o *Hereje* abunda em versos esplendidos e revela em certos cantos, sobre tudo no da Forca, um talento poetico de primeira ordem.

O exemplar do folheto que temos aqui, tem na capa já 2.^a edição.

Se o sr. Gomes Leal está mais um mez na cadeia, sac de lá millionario.

O peor é que o notavel poeta está abrindo um pessimo exemplo.

D'aqui em diante nenhum editor portuguez comprará livro algum sem tratar dias antes de o livro apparecer á venda de metter o auctor no Limociro,

GERVASIO LOBATO.

EXPEDIÇÃO MINERALOGICA PAIVA D'ANDRADA

«Ha minas d'ouro no Zambese, e havendo-as serão ellas utilmente exploraveis? Existem realmente ali as maravilhas de que nos teem fallado? É certo o que nos teem dito alguns viajantes, da fertilidade do solo, e dos recursos que a região offerece ao commercio?»

Estas palavras de um dos relatores da Sociedade dos fundadores da «*Compagnie générale du Zambese*» determinam o fim e o caracter da expedição Paiva d'Andrada, ou mais propriamente da expedição que essa Sociedade enviou aos territorios a que se referem as concessões obtidas pelo nosso intelligente e activissimo compatriota, que por largo tempo fiseram as delicias da nossa pequena politica.

Nunca se fallou tanto no Zambese, como então! . . .

Que de cousas espantosas se disseram e escreveram d'um ao outro extremo do paiz, e quantas revelações curiosas se destacaram d'essa discussão violenta, envoltas nos maliciosos sorrisos dos poucos que até então não tinham podido acreditar que tantos politicos illustres soubessem realmente da existencia das regiões Zambesicas! . . .

Mas não fallemos n'isso, agora; nem façamos sequer a historia do que depois succedeu, para que não aconteça insinuar-se-nos na singella narração dos factos alguns d'esses sorrisos impertinentes que possa ser averbado de pouco generoso.

Antes de organizar definitivamente a grande companhia destinada a explorar as concessões Paiva d'Andrada, entenderam os fundadores que deveriam enviar aos territorios a que ellas se referem uma expedição de reconhecimento, dando a preferencia á questão mineralogica, que uma vez resolvida em sentido favoravel, seria a melhor e a mais segura base para aquella formação.

O pessoal d'essa expedição que a nossa estampa representa, formou-se dos seguintes individuos:

Paiva d'Andrada e marquez de Gourgues, os directores geraes da expedição, os representantes directos da Sociedade. Ambos elles conhecem a região a explorar, e á intelligente actividade que os caracteriza e á perfeita confiança que merecem dos interessados, reúnem condições e relações especiaes que devem facilitar-lhes o exito do empreendimento.

A direcção technica foi entregue a Henri Kuss, engenheiro do corpo de minas, que tem como excellent preparação para o caso uma pesquisa de minas d'ouro que fez no Uruguay.

Sob as suas ordens trabalham Emilio Lapierre, antigo e distincto alumno da escola de Saint-Etienne, que esteve oito annos ao serviço da Companhia hulheira e de fundição de Aveyron, como engenheiro, chefe de serviço da mina de Rulhe e sub-director da Companhia; — e Emilio Durand, engenheiro d'artes e manufacturas, repetidor e professor suplente de chimica e physica da Eschola agricola de Grignon, que dirigiu durante sete annos pesquisas e exploração de ouro, de prata e de mercurio na California.

Temos depois estes:

— Paul Guyot, alumno da escola industrial de Nancy;

— João Paulo Aaurieu, mestre mineiro em Decazeville;

— Astruc e Cabal, mineiros — *boiseurs* que já trabalharam em Decazeville e nas minas de Mokta el-Hadid.

— Antonio Martinez e Miguel Vicente, lavadores d'ouro em Granada, tendo o ultimo feito parte d'uma exploração aurifera no Senegal.

— Carlos Courret, encarregado da contabilidade, que foi já n'uma expedição scientifica a Samatra.

— Emilio Gaffard, interne em pharmacia e estudante de medicina nos hospitaes de Paris.

— Rigail de Lastours, aggregado á expedição, especie de quartel mestre.

E' textualmente a lista que nos dá o relatório da Sociedade, a que nos referimos.

Resumamos as instrucções respectivas.

O fim da expedição é a pesquisa de minas d'ouro, e de jazigos hulheiros, e em geral das riquezas mineraes, agricolas e florestaes que possam existir nos terrenos das concessões. As primeiras explorações serão feitas na região de Macanga, seguindo-se as de Sena, Tete, Mazoa, e Zumbo onde se affirma existirem jazigos auriferos, e simultaneamente as zonas carboníferas de Tete, e dos vales do Zambese e do Chiri.

O quartel general da expedição será Tete. O conselho da expedição ficou composto dos srs. Paiva, Kuss, Lapière, Durand, Gourgue, e Courret.

A Sociedade considerou de importancia secundaria o estudo das riquezas agricolas, florestaes e hulheiras, pondo na frente de todos os trabalhos a emprender a pesquisa do ouro, e accentuando nas suas instrucções que não se tratava de fazer descobertas exclusivamente scientificas, mas de colher resultados de caracter industrial e de realisação pratica de natureza que justificassem um appello aos capitães.»

Pelos modos em França, — não na França ideal de certos patricios nossos, é claro, — como aqui, os capitães não querem saber da sciencia senão para lhe explorar as conquistas... que ella ha de fazer sem os incomodar.

No fim de novembro a expedição que partiu em março, ha de estar de regresso na Europa. Terá pois nove mezes apenas, para todos os trabalhos, incluindo as viagens d'ida e regresso, e não sómente todos os fundos sociaes foram empenhados n'este empreendimento, mas credito algum se abrirá fóra do quadro determinado e contractado das despezas especiaes da expedição.

Ora a situação financeira em 20 d'Abril era a seguinte:

Material: fr.	11,793,10
Provisões (incluindo as fazendas que devem servir de moeda)...	53.888,60
Gastos geraes	13.943,40
Eis as contas credoras d'alguns dos expedicionarios:	
P. d'Andrada, frs.	17.998,15
De Gourgues	12.333,31
Lapierre	20.000
Kuss	20.000
Durand	9.000
Courret	6.000

Assim, pois os engenheiros de minas, receberam, liquido, por esta exploração de 8 a 9 mezes (á parte transportes, alimentação) 3 600\$000 réis cada um.

LUCIANO CORDEIRO.

JOSÉ ALBERTO D'OLIVEIRA ANCHIETTA

III

Havia na Escola Polytechnica em tempo de Anchietta, tres individuos de bastante intelligencia; todos tres muito amigos e todos tres assás excentricos, a que alguns chamavam a trindade. Um, infelizmente, deixou de existir e d'elle tratámos no nosso volume 2º, pag. 76 a 80, era Felix Capello, o segundo era Anchietta, o outro Francisco A. Pinheiro Baião. Por uma coincidência singular, todos tres lustraram a Africa com a sua presença, encontrando-se ainda lá, em circumstancias pouco risonhas, os dois ultimos.

Fôra Felix Capello para Cabo Verde em 1854, como no artigo referido se disse, e algum tempo depois Anchietta, desejava não só de vêr o seu amigo, mas tambem de vêr novos climas e novas terras, partiu para aquella possessão

Estava ali havia algum tempo já, com a mania de naturalista formando collecções e estudando aquella natureza, pouco explorada ainda, quando sobreveiu a epidemia do cholera-morbus ou febre amarella na ilha de Santo Antão. Anchietta, por inclinação e gosto, havia seguido os estudos de medicina como amador, e este successo veio collocar-o nas circumstancias de empregar os seus conhecimentos. A epidemia lavrava fazendo centenaes de victimas. Anchietta partiu para Santo Antão, d'onde todos fugiam.

Largo campo se abriu então para o nosso explorador patentear os ricos thesouros da sua alma e da sua intelligencia.

Junto ao leito de alguns amigos, proximo á palhoça dos pobres, via-se Anchietta soccorrendo-os, fortificando-os, consolando-os até que os salvava, ou a morte lh'os arrebatava. Levou a tanto a sua dedicacão, que elle e o seu amigo Assis de marinha chegaram a enterrar alguns, por não haver quem o fizesse ou a isso se prestasse; um d'elles foi Henrique Guibara.

Emfim, achou-se só. Tudo tinha morrido ou fugido. Um cordão sanitario fora estabelecido com o fim de impedir a passagem da ilha de Santo Antão para as outras ilhas. Anchietta havia terminado a sua missão de caridade. Restava-lhe a miseria e a fome. Internou-se na ilha, subiu e desceu montes; o fato já era todo farrapos, as botas já não tinham solas; com os pés em sangue, foi-lhe ainda auxilio um negro que lhe vendeu um par de sapatos para poder andar.

Ao cabo de um trajecto penosissimo, veio em encontrar-se em uma praia; d'ahi viu passar um vapor francez, accenou, fez signaes; foi visto do navio, uma lanchar vogou a buscal-o, e roto, esfrangalhado, morto de fome e de cansaço, foi recebido a bordo!

Chegou depois d'estes rudes trabalhos a Lisboa, deixando em Cabo Verde os seus livros e a sua rebeca, unicas coisas que lamentava!

Ainda não tinhamos dito que Anchietta, apesar de amar os livros mais que todos os haveres, mais que a propria vida, consagrava igual paixão á sua rebeca. N'este instrumento não era só amador, era — não sabemos se ainda o é — artista distinctissimo, sublime até, um professor de concerto. Só o ignora quem o não conheceu por aquelles tempos.

No meio dos seus trabalhos, dos seus soffrimentos, dos seus incommodos, passar d'este ou d'aquelle modo, vestir d'esta ou d'aquelle maneira, tudo lhe era indifferente; consolação, refrigerio, alento constante eram os livros, e depois d'elles a rebeca.

Olhem o seu retracto. Quem hoje contempla aquella fronte espaçosa, aquelles olhos vivos e encovados, aquellas faces seccas e como que chupadas, não imagina, não pôde julgar que aquelle homem fosse um mancebo sympathico, galante até. Não admira! Os seus proprios amigos e collegas o ignoravam ás vezes. Anchietta sem attenção para comsigo apparecia mezes de chapéu russo, fato mal cuidado, empoado, gravata em desalinho, colleirinhos anarrotados, cabello revoltado e emmaranhado, não interessando pelo seu exterior. Decorriam seis mezes, quatro, tres, encontrava a gente o Anchieta de bota de polimento, badine, fraque bem talhado, collete e calça branca, se era verão, chapéu lustrissimo, colleirinho e punhos da mais nitida alvura, cabello de corte elegante, emfim um todo irreprehensivel; fixava-o a gente e então reconhecia que aquelle rapaz indifferente, philosopho, como se lhe chamava, era um moço bem posto, bonito até.

Estas transformações duravam pouco. Por isso não nos admira que Serpa Pinto o encontrasse no meio dos sertões de Africa, de casaca preta a caçar bicharocos; em a casaca se gastando estará em mangas de camisa ou de japona, e da mesma maneira desembarcaria indifferente em Lisboa.

IV

O aspecto d'aquella epidemia tinha despertado n'elle mais ainda as disposições medicas e cirurgicas da sua natureza. Algum tempo depois de estar em Lisboa partiu para Inglaterra, com destino a obter a formatura n'aquella sciencia.

Seguiu alli com attenção e profunda os cursos publicos, visitava assiduamente os laboratorios, os theatros anatomicos, vendo, estudando e praticando como qualquer medico, De Londres, onde esteve perto de um anno, passou a França, seguindo o mesmo systema de vida. A sua sciencia era já muita ainda apesar da falta de curso regular, e obteria de certo a formatura independente da frequencia, se a falta de meios o não obrigasse a retirar do estrangeiro, para onde fora a contragosto da familia.

Faz pena vêr tantos esforços, tanto trabalho, tanta lucta, tanta privação para se conseguir um fim, e quando este está quasi alcançado ter que desistir d'elle pela falta de meios!

Depois de tudo isto que abateria o animo de outro qualquer, Anchietta appareceu em Lisboa com o mesmo aspecto risonho, a mesma indifferença philosophica pelos transtornos ou confortos da vida, que sempre o acompanhou desde a juventude.

Então, porém, revelou-se em muitas occasiões o homem superior, que despresava a vida nas inclementes paragens de Santo Antão. Em alguns actos publicos a que assistiu, em algumas discussões em que entrou, patenteou, ainda diante de homens consummados, o seu muito talento, a sua vasta sciencia.

Aquelles mesmos que julgavam que por não ter um curso regular de estudos, elle não podia entrar em qualquer certame scientifico, tiveram que confessar o seu engano, e reconhecer a sua cultivada intelligencia.

Em breve aborreceu-se da capital e partiu de novo para a Africa. Apenas alli chegado, deixados os ocios das povoações do littoral, percorreu pelos sertões entregando-se á sua occupação favorita, o estudo da natureza.

Pouco a pouco foi colhendo, organisando, e completando varias collecções da fauna e flora africana, nomeadamente das especies desconhecidas ou menos conhecidas.

No entanto a fama dos seus serviços em Santo Antão havia precedido, e não só o indigena como tambem o europeu disputavam a vantagem de serem tratados em suas enfermidades por José Anchietta.

Observador paciente, enfermeiro infatigavel, sempre felicissimo no tratamento dos seus doentes, achavam-se as auctoridades satisfeittissimas quando, na falta de facultativos, se viam necessitados a encarregar-o officialmente de exercer funcções medicas.

Não obstante o seu desprendimento e indifferença por qualquer retribuição, muitas pessoas o gratificavam generosamente, e com os recursos que d'estas gratificações auferia, e com as dos vencimentos officiaes se sustentava, empregando a maior parte d'esses proventos nas despezas inherentes ás suas collecções.

Muitas vezes uma ave ou outro qualquer animal era para elle a retribuição mais estimada e preferida.

Cinco annos viveu assim em Africa, voltando ao cabo d'elles a Lisboa, possuidor de um rico thesouro: — uma preciosa e valiosissima collecção que offereceu ao museu da Escola Polytechnica!

(Continúa)

BRITO REBELLO.

OS BANIANES EM MOÇAMBIQUE

O commercio na provincia de Moçambique está desde tempos immemoriaes monopolizado pelos banianes da India que se estabeleceram em todos os portos.

São os banianes uma casta especial de indios essencialmente pacificos, de costumes sobrios, e unicamente guiados nos seus movimentos pela ambição do lucro pecuniario. Pela sua religião não podem os banianes alimentar-se de ser algum animal, resumindo-se apenas a vegetaes, manteiga de leite de bufala e mesmo de vacca, toda a lista das suas porcas

COSTUMES PORTUGUEZES



CAMPONEZAS DAS MARGENS DO MONDEGO ATRAVESSANDO O RIO A VAU (Desenho de M. de Macedo)

AFRICA PORTUGUEZA

e frugaes iguarias. Um baniane não só não pôde matar qualquer animal, mesmo que seja damninbo, mas até tem obrigação de o defender e proteger se o vir em perigo. As aranhas, os ratos, os cães lazarentos, as osgas e outras sevandijas encontram completa impunidade nas casas dos banianes, e por isso estas são sempre ascorsas e repugnantes.

Se a estes defeitos filhos propriamente de uma religião extravagante, juntarmos os habitos indolentes resultantes do clima, e a sordidez innata n'aquellas castas, tudo dominado pela ambição insaciavel do ganho, veremos o motivo que faz dos banianes uns entes sordidos, pouco aceiados, com menos brio, sem dignidade viril de especie alguma.

A mesma religião que prohibe aos banianes o matar uma tarantula, promette-lhes grandes glorias, n'uma vida futura se n'esta conseguirem enganar o maior numero de chistãos. É por isso que nas transacções com estes sujeitos todo o cuidado é pouco para frustrar as diligencias das suas astutas e flexiveis consciencias.

Com o modesto viver dos banianes, é claro que as despesas não são grandes, e por isso a concorrência que

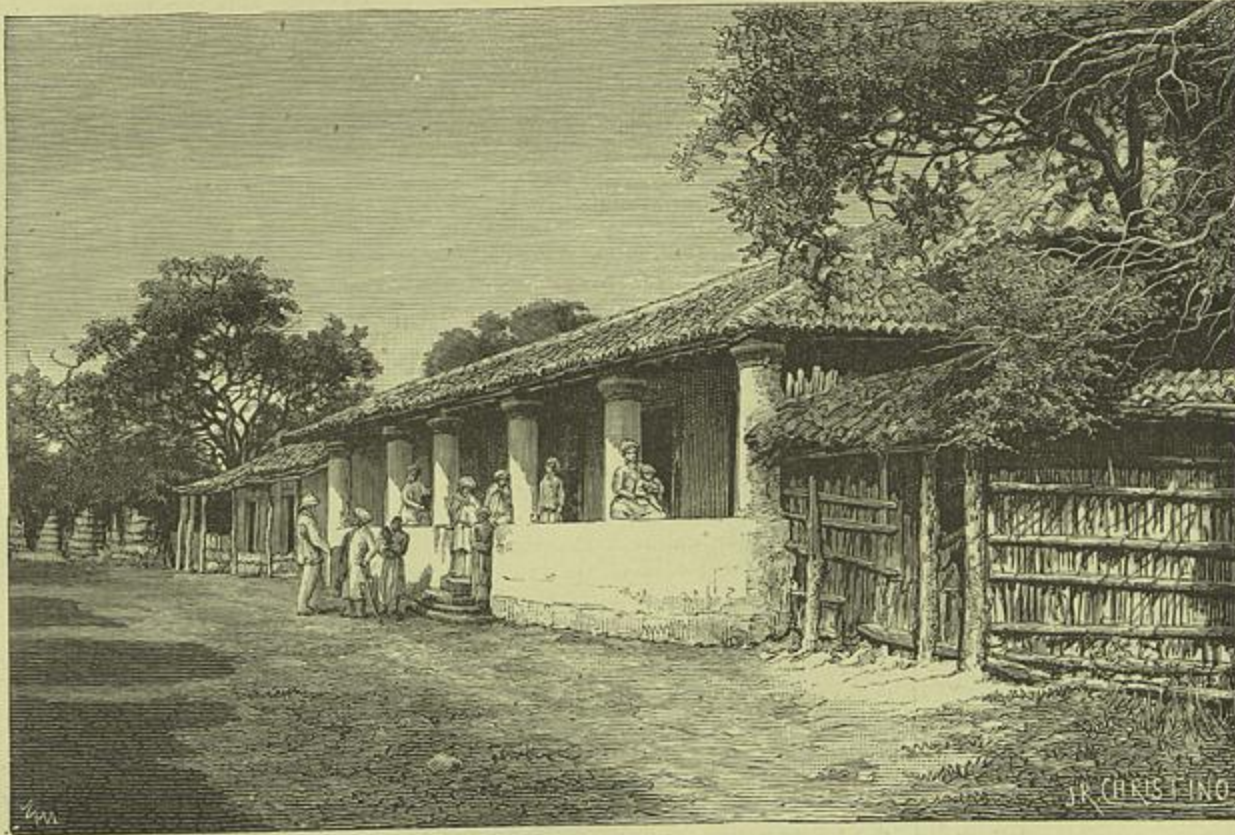
elles aos negociantes europeus podem oppôr é tremenda e sempre em prejuizo d'estes ultimos.

Os banianes recebem da India, de Bombaim e de Damão e Goa, os seus suprimentos em fardos de fazendas de algodões brancos e pintados, contaria, etc., e mandam em retorno, o marfim de elephante de ca-

não terão os banianes deixado n'aquelle paiz o menor vestigio da sua estada durante mais de tres seculos.

A nossa gravura representa a casa de um baniane na villa de Quilimane.

AUGUSTO DE CASTILHO.



QUILIMANE — HABITAÇÕES DOS BANIANES (Segundo uma photographia)



RUSSIA, EXPULSÃO DOS JUDEUS — FAMILIAS ISRAELITAS REFUGIADAS NO PATEO DO GOVERNADOR DE KIEFF

enfeitiçou quasi todos os jogadores. Sem dar tempo à mais curta reflexão e com o presentimento do ganho certo, impreterível e incontestável, atirei para a mesa com o dinheiro que, momentos antes, disputaria com o mais grave risco da vida.

Perdi!

Por muito tempo fiquei pregado no lugar em que estava e só quem houver passado por transe tão angustiosos poderá avaliar o estado physico e moral em que o homem se acha quando se vê irremediavelmente aniquillado perante Deus, perante os homens e o tribunal da sua consciencia.

Ha excessos de infortunio que não deixam outro recurso ao homem se não a morte!

Sahi d'aquella casa de perdição e ao acaso encaminhei meus passos. Machinalmente percorri ruas intermináveis, não sei por quanto tempo. Cheguei a uma ponte. Era a ponte de Neuilly. Alquebrado pela dôr cruciante do coração e pela fadiga, sentei-me junto á grade. A febre escaldava-me o cerebro.

Lá em baixo desliza socagadamente o Sena. D'ali medi com os olhos a altura das aguas e com o espirito perturbado e enfermo a profundidade que me levou ao crime. Ha 157 annos, disse para comigo, que n'estas aguas esteve para ser arremessado pelos cavallos da sua carroagem um dos homens a quem as letras e sciencias devem os mais assignalados serviços: Pascal. A vida d'este piedoso homem era preciosa á França e á humanidade; a minha seria a eterna vergonha, o supremo martyrio.

(Continua)

M. ALVES DE SOUSA.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

CAMINHO DE FERRO ELECTRICO

Já no nosso 3.º volume, n.º 58, pag. 79, deu o sr. Benevides a descripção da locomotiva electrica de Siemens, daremos agora noticia da applicação d'aquelle invento a uma via de communicação entre Lichterfeldt, nos suburbios de Berlim e a escola dos Cadetes.

Os nossos leitores recorrendo áquella descripção podem formar idéa de como é gerada e transmittida a electricidade, como se estabelece o circuito, acrescentando nós apenas que uma carroagem pelo systema das empregadas nos nossos caminhos americanos, funciona sob aquelles principios, e que a corrente pode ser interrompida por uma alavanca que o director ou conductor do carro pode mover. O caminho hoje estabelecido tem dois kilometros e meio de extensão e os resultados praticos são tão importantes que vão estabelecer-se outras linhas d'esto systema.

R.



SETUBAL—VISTA DA BARRA (Desenho do natural por J. Vaz)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DE BEIGUELLA ÀS TERRAS DE IACCA, *Expedição Organizada p. lo Governo Portuguez nos annos de 1877-1880*, por Hernenegildo Capello e Roberto Ivens—Imprensa Nacional, Lisboa.—Estão publicadas as primeiras 240 pa-

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ.—por Francisco d'Almeida.—Editor livraria Zeferino, Lisboa. Fasciculos n.ºs 23 e 24 de 48 paginas em folio cada um por 400 réis. Continua sahindo regularmente esta obra que mais de uma vez temos recommendado, como uma das mais notaveis publicações da actualidade.

O SEGREDO DO SR. LUBIN.—Romance da collecção Lubin & C.ª, traducção de Cunha e Sá.—Editor Empreza Horas Romanticas, Lisboa. É dos melhores romances que esta empreza tem editado e a traducção é perfeita.

COIMBRA MEDICA.—Director Augusto Rocha, editor José Diogo Pires, Coimbra. 1.º anno n.ºs 13 e 14. Publicação muito regular e de muito interesse, especialmente para a classe medica.

O POSITIVISMO.—Dirigido por Theophilo Braga e Julio de Mattos.—3.º anno n.º 4. Editor Magalhães & Moniz, Porto. Esta publicação, collaborada por escriptores de provada capacidade, recommenda-se pela importancia dos seus artigos altamente instructivos.

O POVO ILLUSTRADO.—1.º vol. *Idéa geral sobre sciencias positivas*.—2.º vol. *O ceu e suas maravilhas*.—Edição de Ferreira de Brito, Porto. Estão publicados os dois primeiros livros d'esta bibliotheca de pequenos volumes a 50 réis, que tambem se destina á educação do povo.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.—*Astronomia popular, illustrada com 15 gravuras*.—Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1881.—É o decimo livrinho d'esta util collecção, e que como os precedentes tende a espalhar o conhecimento de um dos mais importantes ramos, do saber. Todos olham, especialmente de noite, o que se chama vulgarmente a *abobada dos ceus*, e a maior parte da gente tem noções falsas inexactas, do que vê por cima de sua cabeça. Uma estrella cadente, o apparecimento de um cometa, um eclipse, tudo os aterroriza, e previstos como o nascimento e a morte dos animaes, a fructificação das plantas, etc. Espalhar estas noticias para que se dissipem essas trevas do espirito e os sustos, infelizmente, ridiculos do povo é um grande serviço.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



CAMINHO DE FERRO ELECTRICO EM LICHTERFELDT

ginas d'esta importante obra de que os nossos leitores já tiveram uma amostra, nos artigos publicados no OCCIDENTE com o titulo *Viagens de Exploração na Africa Equatorial pelos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens* que dão uma idéa geral sobre a importancia scientifica e commercial d'esta viagem e algumas das suas peripicias mais notaveis.

Aguardamos, portanto, a conclusão da obra para fazermos a sua apreciação, como nos cumpre, a trabalho de tanta importancia e tanta gloria para Portugal.

Este livro está-se publicando por assignatura em entregas de 80 paginas ao preço de 600 réis.

PEREGRINAÇÃO DE CHILDE HAROLD.—Poema de lord

apavora, por não saberem que são factos tão certos, sabidos, e previstos como o nascimento e a morte dos animaes, a fructificação das plantas, etc. Espalhar estas noticias para que se dissipem essas trevas do espirito e os sustos, infelizmente, ridiculos do povo é um grande serviço.